



Priscila Teixeira dos Anjos

**AS BLOGUEIRAS NEGRAS: UMA ANÁLISE
SOBRE REPRESENTAÇÃO CULTURAL DA
MULHER NEGRA CONTEMPORÂNEA**

50 TONS DE NEGRAS, por Tainá Esquivel.

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

PRISCILA TEIXEIRA DOS ANJOS

**AS BLOGUEIRAS NEGRAS: UMA ANÁLISE SOBRE REPRESENTAÇÃO
CULTURAL DA MULHER NEGRA CONTEMPORÂNEA**

**SÃO LEOPOLDO
2017**

PRISCILA TEIXEIRA DOS ANJOS

**AS BLOGUEIRAS NEGRAS: UMA ANÁLISE SOBRE REPRESENTAÇÃO
CULTURAL DA MULHER NEGRA CONTEMPORÂNEA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Inclusiva, pelo Curso de Especialização em Educação Inclusiva da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientador (a): Prof.^a(a). Dra. Sandra de Oliveira

São Leopoldo

2017

Dedico este trabalho, com muito amor, aos meus pais, à minha irmã, ao meu noivo e aos familiares... Minha vida nada seria se não fosse o apoio de todos vocês!

AGRADECIMENTOS

Escrever os agradecimentos nunca é uma tarefa fácil, pois nos demanda uma reflexão profunda de todos os acontecimentos, sentimentos que fizeram parte do caminho percorrido. Todos que fizeram parte dessa caminhada ao meu lado têm a minha admiração, carinho e respeito.

Primeiramente, gostaria de agradecer à Universidade do Vale do Rio – UNISINOS, por me proporcionar um ambiente criativo, instigante e democrático para estudos. Sou grata a cada docente que nos ministrou aulas tão ricas e cheias de sapiência, e a coordenação do curso.

Agradeço à professora Sandra de Oliveira, minha orientadora, pela acolhida, pelo comprometimento e afeto que me dedicou durante essa trajetória, acrescentando conhecimento e grandes inquietações.

Agradeço à minha mãe Regina, pelo carinho e amor de inenarráveis, por desde sempre ser uma mulher politizada, por sempre me instigar a estudar, por sempre me apoiar e me dar suporte em minha caminhada acadêmica, por me com certeza sem ela nada seria possível.

Agradeço ao meu pai Marco Antonio, pela dedicação e esforços sem limites para que eu sempre seguisse estudando, por sempre me apoiar, pela dedicação e amor de sempre.

Agradeço à minha irmã Maria Mariana, por ser sempre tão solícita nas horas de angústia, pelas palavras de apoio e pelo companheirismo de longa data, pelo amor, carinho e dedicação.

Agradeço ao meu noivo Marcelo, pelo apoio, dedicação, amizade, companheirismo e amor sem fim, por se fazer presente mesmo quando eu estava

entre livros e cadernos, por aguentar minhas crises de choro e por sempre me impulsionar para cima.

Agradeço aos familiares e amigos, pela paciência quando me fiz ausente, por compreender as recusas de convites para sair, por não estar presente nos almoços de domingo.

Agradeço também aos colegas do Curso de Especialização em Educação Inclusiva, por dividirem comigo esta jornada, pelas conversas, pelos trabalhos realizados em parceria, pela descontração e respeito.

A todos o meu mais sincero e profundo sentimento de gratidão!

A verdade é que ainda não somos livres; apenas conquistamos a liberdade de sermos livres, o direito de não sermos oprimidos. Apenas demos o primeiro passo de uma caminhada mais longa e bem mais difícil; ainda não chegamos ao fim da jornada. Pois ser livre não é apenas quebrar as correntes, mas viver respeitando e valorizando a liberdade de todos. O verdadeiro teste da nossa dedicação à liberdade está apenas começando. A sua liberdade e a minha não podem existir separadas.

Nelson Mandela

RESUMO

A presente monografia teve como propósito identificar/analisar de que modo as mulheres negras contemporâneas estão sendo representadas por meio do blog As blogueiras Negras. Para tanto foram selecionados para análise artigos publicados no blog durante os anos de 2015 e 2016. O eixo teórico-metodológico foi pautado, especialmente, nos estudiosos Hall (2015), Montardo e Passerino (2006) e Gutierrez (2003). Também serviram de inspiração os estudos do filósofo Foucault (2009) acerca dos processos de subjetivação. O exercício realizado resultou em três blocos analíticos, cada um representado por uma ideia chave, são elas: Identificação, Pertencimento e Empoderamento. Resultados apontam para o investimento de novas formas de representações da mulher negra, tais como, independente, inteligente e politizada. Com base nos estudos realizados é possível afirmar que o blog se torna um elo entre muitas mulheres negras que vivenciaram os mesmos processos, de modo que quando escrevem suas narrativas e encontram outras mulheres com as quais se identificam promovem o sentimento de pertencimento e criam formas de representação muito potentes para a produção de subjetividades. Entre as tramas da representação cultural das mulheres negras estão envolvidas também a construção identitária e o empoderamento individual e coletivo. Pode-se concluir que no blog encontram-se novas possibilidades de representação da mulher negra contemporânea,

Palavras-chave: mulher negra, representação cultural, identidade, pertencimento, empoderamento, blog.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mulher, Negra e Empoderada	10
Figura 2 – Apresentando o Blog	14
Figura 3 – Tire o seu racismo do caminho: Da (in)visibilidade a luta	24
Figura 4 – Desconstrução de si	26
Figura 5 – Pertencimento: O colo que acolhe	27
Figura 6 – Representatividade	28
Figura 7 – A liberdade de ser quem é	30
Figura 8 – A mulher negra (re)nasce	34

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 O OBJETO DA PESQUISA	14
2.1 O Blog As Blogueiras Negras: <i>“quem somos nós?”</i>	164
2.2 O que é ser blogueira?	166
3 AS FERRAMENTAS TEÓRICAS	16
4 METODOLOGIA OU DAS FORMAS DE OPERAR COM O MATERIAL	22
5 REPRESENTAÇÕES DA MULHER NEGRA CONTEMPORÂNEA EM UM BLOG	24
5.1 Pertencimento: <i>“a certeza da outra nos serve como colo”</i>	24
5.2 Identificação: a potência da visibilidade	30
5.3 Empoderamento: <i>“Queremos celebrar quem somos!”</i>	35
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS.....	40

1 INTRODUÇÃO



Figura 1 – Mulher, negra e empoderada.

O que está escrito no cabelo afro da mulher negra? Mulher, poderosa, bonita, diferente, determinada, louca, rainha, encantadora, inteligente, calma, elegante, simpática, feminina, espirituosa, humilde, forte, destemida, diva, gloriosa, corajosa, orgulhosa, fofa, à moda, negra, alta, divina, impressionante, surpreendente, livre, educada, adorável, fresca, franca, voluptuosa, deslumbrante, marrom, amor, fé, curar e pintar.

Quais são mesmo as palavras e as imagens que me representam enquanto mulher negra? Esta foi a pergunta que me fiz, esta é a pergunta que muitas mulheres negras nem ousam fazer e outras tantas vêm lutando por espaços de visibilidade para fazê-la.

Ao longo dos anos a luta pelos direitos e representatividade da mulher negra vem crescendo a passos lentos, pois a falta de representação da mulher negra nos mais diferentes espaços de fala ainda é realidade marcante.

¹ Imagem disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/>>

Ao compreender que os processos de constituição identitária não se dão somente no cerne escolar, mas a partir das relações que estabelecemos com o outro, com nós mesmos e com o mundo, entendo que “a identidade não é um dado adquirido, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, um espaço de construção de maneiras de ser e de estar [...]” (NÓVOA, 1992, p. 6).

Durante a minha caminhada no Curso de Especialização em Educação Inclusiva, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), muitas temáticas foram abordadas, discutidas e vivenciadas em sala de aula, porém na Unidade Temática “Políticas de Inclusão”, ministrada pela professora Deise Maria Szulczuwski, quando participei da palestra da pesquisadora Viviane Inês Weschenfelder sobre “Negritude e políticas afirmativas”, foi que me “encontrei”. O tema problematizado naquele momento me inquietou e me instigou a pensar sobre de que maneiras a mulher negra vem sendo representada em nossa sociedade.

A partir dessa inquietação busquei conversar com a professora Sandra de Oliveira para que ela pudesse me orientar e me dar suporte nesse caminho investigativo a que estava me propondo. Entre tantas leituras e possibilidades, escolhemos analisar os artigos publicados no blog As blogueiras negras.

Assim, o presente trabalho tem como finalidade identificar as representações presentes no blog As blogueiras negras, considerando que estas reverberam na *constituição de si*, enquanto blogueiras, e *das outras*, leitoras do blog. Para me ajudar a conceituar esse lugar de fala recorro a Weschenfelder (2015, p.7)

Ao se expressarem, as mulheres negras (re)afirmam suas identidades e produzem formas de se conduzirem diante das situações cotidianas, seja com relação ao corpo, à sexualidade, ao gênero e à negritude, tudo isso por meio de uma atuação política frente aos dilemas do racismo e do sexismo. A escrita, neste sentido, é entendida como prática que permite, ao mesmo tempo, o duplo movimento de objetivação e subjetivação.

Entender de que maneira esses processos se constituem e se interligam nos permite identificar de que formas a mulher negra contemporânea tem se constituído social e politicamente nos diferentes espaços pelos quais circula.

Mas para que possamos visualizar os caminhos que as blogueiras negras trilham para uma reinvenção de si mesmas ou para a produção de outras representações da mulher negra, é necessário compreender que alguns entendimentos sociais e pessoais nascem e transcendem nessas mulheres, tais como o feminismo e o feminismo negro:

O feminismo negro surgiu no Brasil entre o fim da década de 70 e o início da década de 80, com o intuito de pautar as necessidades específicas da mulher negra que não eram presentes no movimento feminista já existente. De uma forma geral o movimento tinha uma identidade exclusivamente voltada para o gênero e não via como indispensável à prática de fazer recortes como, por exemplo, etnia e classe social. (Blogueiras Negras, Gabriela Lima).

É necessário que entendamos, também, que em nenhum momento essas blogueiras questionam a legitimidade do feminismo, mas ressaltam a importância de um recorte nessa vertente, pois as necessidades das mulheres negras vão além da equiparação de direitos com os homens, mas sim da indispensabilidade da luta antirracista para a mulher negra que por muitas vezes foi posta a margem desse lugar de “mulher”, sendo assim subjugada como mercadoria.

Identificar as diferentes representações que constituem a formação dessa mulher negra, politicamente ativa e atuante em diferentes espaços, que vislumbra uma construção humana constante e instável, pois se dá de forma internalizada, se transforma e evolui a partir das estruturas socioculturais as quais nos predispomos a vivenciar. Para tanto me valho das palavras de Oliveira (2015, p.98) quando explica que

É por meio da subjetivação, especificamente, das práticas de si, que o sujeito, munido de condições, mais ou menos práticas, mais ou menos conscientes, opera sobre si para destituir-se de tais verdades e constituir-se a partir das outras. Por isso, a constituição do sujeito é sujeição, mas também pode ser prática de liberdade.

E é nas formas de constituição do sujeito, de se posicionar quanto a representação da mulher negra, na historicidade da negritude que o blog atinge um grande número de mulheres que se encontram, se questionam e se reinventam a partir do uso desses artefatos.

Afinal, quais representações culturais tem se vinculado à mulher negra? A presente pesquisa analisou o blog *As blogueiras negras* na tentativa de responder a essa pergunta. É sabido, contudo, que essa análise é parcial e revelada a partir de diferentes leituras e olhares colocados sobre o objeto de pesquisa. Quanto as questões que não pude aprofundar no espaço-tempo disponível para a realização deste estudo, deixo a expectativa de importantes discussões que poderão surgir com base em outras experiências e leituras.

Ao conhecer o blog *As blogueiras negras* me deparei com um artefato potente de visibilidade da mulher negra, muito mais que um dispositivo de informações o blog é uma maneira de contar a outras mulheres negras que elas não estão sós nas suas lutas diárias, seja contra o racismo, o machismo, a lesbofobia ou o classismo. É uma forma de dizer como isso as (e nos) afeta, bem como contar as diferentes maneiras com que elas lidam com esses problemas, vivem e reivindicam os seus direitos, e de que forma esse instrumento expande a sua maneira de se constituir e se reinventar enquanto sujeito.

A presente investigação teve como objetivo identificar/analisar quais as representações culturais circulantes da mulher negra no blog *As blogueiras negras*, bem como compreender a vinculação com a historicidade dessas mulheres e identificação com seus espaços de lutas sociais. Sendo assim a questão problema que inspirou a realização da presente pesquisa foi: “Quais são as representações culturais da mulher negra visibilizadas no blog *As Blogueiras Negras?*”.

2 O OBJETO DA PESQUISA

Escreva, escreva sempre, como souber ou quiser, em verso e prosa, mostre ao mundo quem você é e quem são vocês, quem somos nós. (Inaldete Pinheiro de Andrade, excerto do Blog As blogueiras negras).

Quem são? Por que escrevem? Para quem escrevem? Qual a motivação? Qual a problematização? Parto minha escrita destes questionamentos e do excerto acima para apresentar o objeto da presente pesquisa: o blog As blogueiras negras².

2.1 O blog: As Blogueiras Negras



Figura 2 – Apresentando o Blog.

² Blog As blogueiras negras, disponível em < <http://blogueirasnegras.org/>>.

O blog As blogueiras negras foi criado em 08 de março de 2012, com data escolhida propositalmente por ser o dia internacional da mulher, a partir de um projeto intitulado Blogagem Coletiva Mulher Negra, com o desejo de ser referência para as mulheres brasileiras afrodescendentes e para aqueles que se identificam com o feminismo e com a luta antirracista das mulheres negras. O referido projeto revelou blogueiras negras que escreviam muito e com grande talento, o que fez com que se percebesse a necessidade e a importância de criar espaço de visibilidade para essas mulheres.

Com base nos dados divulgados pelo próprio blog, é possível afirmar que As blogueiras negras constitui-se de uma comunidade online com mais de 1.300 mulheres, que produzem informações sobre diversas temáticas cinco vezes por semana, com intuito de atingir não só as mulheres negras e afrodescendentes, mas todos aqueles que compreendem a necessidade de políticas antirracistas.

A página inicial do blog se divide em sete seções: Resistência, Identidade, Saúde e Beleza, Estilo de vida, Cultural, Colunas e Popular. Dentro dessas seções existem subseções que contem artigos com os mais diferentes assuntos. Abaixo dos artigos há um espaço onde o leitor tem a opção de compartilhar o texto em suas redes sociais ou deixar seu comentário, havendo sempre uma interação entre escritora/leitor e leitor/leitor.

O blog é feito por mulheres negras de diferentes realidades e campos de atuação, são cerca de 200 autoras que produzem conteúdo com a finalidade de tornar a escrita uma ferramenta de combate à violência contra a mulher, ao machismo, ao racismo, a homofobia, a lesbofobia, ao sexismo, a gordofobia e ao classismo.

As blogueiras negras foi criado por e para mulheres negras com o objetivo de dar visibilidade para esse grupo identitário. Assim, há uma equipe que realiza a escolha dos textos, revisa-os e alimenta o blog quase que diariamente.

Elas escrevem para contar as suas histórias, exercício que lhes é continuamente negado em nossa sociedade discriminatória e desigual, assim o blog

é o espaço de visibilidade para a produção de conteúdo voltado a mulher negra e a sua negritude.

Nesse sentido, o blog é uma forma de (re)afirmar a negritude por muito tempo negada e discriminada, tornando-as protagonistas das suas próprias lutas, ressignificando suas vidas e de muitas outras mulheres negras e afrodescentes que veem no blog uma maneira de acolhida, de identificação, de troca, de cumplicidade, de renovação de forças, de reabilitação e de espaço de escrita sobre si.

É, ainda, para as blogueiras, espaço de liberdade, onde enquanto mulheres negras podem ser narradas (narrar-se) por elas mesmas, em suas diferentes identidades e experiências. Mas o que é ser blogueira?

2.1.2 O que é ser blogueira?

Blogueiro é um termo brasileiro utilizado para designar o **indivíduo que publica em blogs**. Blogger é o termo em inglês com o mesmo significado. Blogueiro ou blogueira são palavras que surgiram juntamente com a criação do conceito de blog³.

Partindo do excerto acima podemos compreender o “ser blogueiro (a)” como uma forma de expressar-se sobre determinado texto ou assunto em ambiente virtual organizado para esse fim, contudo as blogueiras negras utilizam o blog para além de publicações informativas. O blog, neste caso, transforma-se em “arena de lutas” a partir de temáticas tais como a negritude, o feminismo negro, o sexismo e o racismo que a mulher negra enfrenta, nos diferentes locais de fala ou de silenciamento.

Nesse sentido, ser blogueira negra além de ser uma forma de expressão das coisas aos quais vivencia, é um modo de dar voz a outras mulheres que passam ou já passaram pelas mesmas situações, ou seja, “o negro está inserido em complexas

³ Definição encontrada no site Significados. Site em forma de diário *online* onde são apresentados artigos em textos, imagens ou vídeos que retratam um tema escolhido pelo autor. Disponível em < <https://www.significados.com.br/blogueiro/>>.

tramas discursivas, repletas de significação e atravessado pelas relações de poder.” (Weschenfelder, 2015, p.25).

Assim, as histórias de vida visibilizadas no blog podem ser tomadas como “(...) uma descoberta, mas podem também ser lidas como a aparição de novas formas de verdade” (Foucault, 2014, p.15), ou seja, outra maneira potente de viabilizar os protagonismos das suas lutas.

Parece que as relações estabelecidas entre as blogueiras e as leitoras são de identificação e de pertencimento, pois segundo relatos encontrados no próprio blog, se estabelece uma relação de troca que vai para além do virtual, é uma maneira de saberem que não estão sós.

3 AS FERRAMENTAS TEÓRICAS

O processo de escrita necessita de aportes teóricos que sustentem a sua produção, por isso a ideia de ferramenta teórica nos traz o sentimento de instrumentos que nos auxiliam na construção da escrita. Partindo dessa ideia, compreendo que escrever nem sempre é um ato fácil, pois requer um emaranhado de palavras que entrelaçadas expressem o real sentido do que desejamos registrar. Nesse sentido recorro a Albuquerque Jr. (2007, p.31), quando diz que:

Tecer, como narrar, é relacionar, pôr em contato, entrelaçar linhas de diferentes cores, eventos de diferentes características, para que tenham desenho bem ordenado no final. Este trabalho de tessitura é, no entanto, obra da mão de quem tece, da imaginação e da habilidade de quem narra.

O exercício da escrita é uma eterna relação entre narrar, tecer e entrelaçar ideias e argumentos teóricos. Entendendo assim, sustento minha escrita em diferentes autores que me instigaram a pensar, repensar, discutir o problema proposta para essa pesquisa, pois em tempos de relações contemporâneas frágeis e inconstantes, onde ter é mais importante que ser, é “isso que as nossas próprias biografias, quando examinadas em retrospecto, nos ensinam sobre o mundo em que vivemos” (Bauman, 2001, p.106). Dessa forma, buscar compreender algumas verdades que discorrem através dos artigos/falas e contextos que leio/vejo e analiso no blog *As blogueiras negras* é imprescindível.

E dentro desse turbilhão de novas perspectivas se encontra a internet, onde as pessoas compartilham ideias, concepções, informações, formas de ver, de perceber e pensar tudo isso com o clicar do mouse, como escreve Zygmunt Bauman (2001, p.158):

[...] A instantaneidade (anulação da resistência do espaço e liquefação da materialidade dos objetos) faz com que cada momento pareça ter capacidade infinita; e a capacidade infinita significa que não há limites ao que pode ser extraído de qualquer momento – por mais breve e “fugaz” que seja.

E é nessa “infinidade” de momentos que indivíduos que até então acreditavam que pensavam, sentiam e percebiam de uma forma diferente se encontram com os mesmos propósitos em um espaço universal que é “um espaço de fluxos, um espaço descentrado, um espaço no qual as fronteiras e limites se tornam permeáveis” (Hall, 2015, p.43).

É nesses espaços permeáveis de fronteiras acessíveis que o blog As blogueiras negras chega com o propósito de ressignificar as formas de ser mulher negra na contemporaneidade, viabilizando debates acerca da política, da resistência e das mais diferentes formas identitárias.

Nesse sentido, quando se fala de identidade é necessário aprofundar a compreensão de que a identidade está para além do documento de registro com nosso nome, mas é tudo aquilo que “estamos sempre afirmando que somos, aquilo que nos define [...]” (WESCHENFLDER, 2015, p.23), ou seja, a construção da identidade humana é constante e instável, e a partir das escritas, relatos e trocas cada indivíduo acaba se modificando, em um processo que ocorre de dentro pra fora. Para ajudar-me a conceituar identidade, recorro a Stuart Hall (2015, p. 11):

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis.

Entendendo o conceito de identidade como algo que acontece de dentro pra fora a partir das relações que estabelecemos, podemos compreender o fato de que o blog é uma forma de se ver e se sentir representada a partir de outras histórias/narrativas, assim o blog se torna um espaço onde a negritude é exaltada, para tanto recorro a Gadea (2013, p.23) que escreve:

[...] assumir a negritude como “espaço” representa compreender, fundamentalmente, que toda e qualquer identificação racial tem a sua performance atravessada por movimentos de filiação e oscilação segundo os interesses práticos e as condições de que partem os grupos implicados numa relação racial, e social em geral.

Nesse sentido, exaltar a negritude é um exercício que compreende o processo de visibilidade, identificação e representação da mulher negra entre as suas semelhantes, por conseguinte amplificar os canais de fala lhes permite expressar sobre as mais diversas questões, bem como (re)afirmar suas identidades por meio da subjetivação, que é “aquilo pelo que se luta, o poder de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta”. (FOUCAULT, 2009, p.10).

A estratégia de luta aqui nada mais é que colocar a mulher negra como “espelho” para outras mulheres, pois é preciso nos ver em outras, para que assim nos sintamos representadas, seja na política, na TV, nos concursos de beleza, nos brinquedos e histórias infantis. Assim sendo, Stuart Hall (2015, p. 12) conceitua que:

[...] à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com as quais poderíamos nos identificar a cada uma delas – ao menos temporariamente.

Sentir-se representada culturalmente, perpassa um forte processo de empoderamento da mulher negra, seja nas suas lutas coletivas quanto nas lutas diárias individuais, como por exemplo, quanto a tomar decisões sobre seu próprio corpo, quando passa a deixar de usar químicas no seu cabelo e opta por deixá-lo ao “natural”, pois “o cabelo afro historicamente sofre um estigma, sendo comumente associado a *cabelo ruim*, aquele que não se lava e não se penteia, entre outras características pejorativas.” (WESCHENFLDER, 2015, p.11, grifo meu).

Ao empoderar-se da sua identidade como mulher negra “o cabelo se torna um instrumento político” (WESCHENFLDER, 2015, p.11), de representatividade, e de feminilidade e de luta negra. Conforme escreve Nilma Lino Gomes (2002, p.44):

Mesmo que reconheçamos que a manipulação do cabelo seja uma técnica corporal e um comportamento social presente nas mais diversas culturas, para o negro e mais especificamente para o negro brasileiro, esse processo não se dá sem conflitos. Estes embates podem expressar sentimentos de rejeição, aceitação, ressignificação (...).

Para tanto, é de suma importância assimilar que o empoderamento não é um ato individual, mas sim um ato coletivo, pois trata de empoderar a si e aos outros, colocando assim as mulheres negras como sujeitos potencializadores da mudança ou parafraseando Foucault (2004) existe uma relação íntima entre o conhecimento e o poder dentro de uma coletividade, ou seja, “Nós mulheres negras temos uma existência singular e uma existência enquanto coletivo que sobreviveu, que resiste.” (Viviana Santiago, Blogueira Negra, excerto do Blog As blogueiras negras).

4 METODOLOGIA OU DAS FORMAS DE OPERAR COM O MATERIAL

Ao tomar o blog como uma ferramenta de acesso rápido e fácil, e ao alcance de muitas pessoas, ao redor do mundo, com uma gama diversificada de informações, faz-se necessário entender a sua crescente vertiginosa nos últimos 12 anos, pois, em 2004 existiam 4 milhões de blogs no Brasil, em uma pesquisa realizada no ano de 2016 foram encontrados mais de 200 milhões de blogs ativos somente no Brasil, ou seja, 4,19% dos blogs do mundo¹.

Assim, entender o blog como um espaço de informação e formação não escolar, é de suma importância neste momento, pois nesta pesquisa ele é utilizado e entendido como produtor de conhecimento. Segundo Gutierrez (2003), “Blogs possuem historicidade, preservam a construção e não apenas o produto (arquivos); são publicações dinâmicas que favorecem a formação de redes” (p. 89).

Para tanto, o blog possibilita para os mais distintos públicos informações quase que instantâneas, com uma escrita de fácil entendimento e versatilidade como descrito em material do MEC, “os blogs são considerados produções sincrônicas, em razão da quase simultaneidade entre o que se escreve, sua veiculação na rede e seu acesso por alguém que esteja conectado (sp)”.

Sendo assim, entendo o blog como uma ferramenta inegável de reflexão sobre si e sobre o outro, num contexto onde convivem diferentes identidades, operando assim na produção de subjetividades, para tanto recorro ao filósofo Michel Foucault (2010b, p. 225), quando explicita que

devemos considerar que relações de poder – governamentalidade - governo de si e dos outros - relação de si para consigo compõe uma cadeia, uma trama e que é em torno dessas noções que se pode [...] articular a questão da política e a questão da ética.

¹ Disponível em <<http://www.mktdeafiliados.com.br/post/blogosfera-a-evolucao-dos-blogs-brasileiros-e-sua-audiencia.htm>>.

Embora a ênfase desse estudo não esteja na ferramenta tecnológica analisada, importa pensar sobre o caráter produtivo dos blogs, especialmente pelo campo de visibilidade e enunciação que criam.

Parece-nos visível o desejo de transformar as blogueiras negras em força coletiva de reflexão e ação, contemplando não somente a formação política, mas também formação ética, estética e social. Essas práticas buscam romper com a lógica do isolamento e do individualismo, evidenciando a capacidade de compartilhar com o outro e, geralmente, com o coletivo.

O processo metodológico que foi traçado se atribui a uma análise do recorte das postagens, reportagens e imagens contidas no blog as blogueiras negras, no período de Janeiro de 2015 à Dezembro de 2016, pois conforme Montardo e Passerino (2006 p.):

O conteúdo dos textos postados podem ser analisados das perspectivas de explicitação dos próprios dilemas e reajustes dos processos. Assim, o uso de *blogs* pode ser eficaz na *tomada de consciência* desses dilemas e na busca concreta de soluções, seja pelo compartilhamento, seja pela autorreflexão daí decorrente.

Embora a ênfase desse estudo não esteja na ferramenta tecnológica analisada, importa pensar sobre o caráter produtivo dos blogs, especialmente pelo campo de visibilidade e enunciação que criam, partimos da premissa de que as relações de poder estão intrínsecas nas formas como o blog opera e conduz os jogos de verdade em suas leitoras e escritoras, pois lhes permite desconstruir algumas verdades estabelecidas e construir outras.

Sendo assim, no próximo capítulo apresento às análises realizadas a partir do blog As blogueiras negras.

5 REPRESENTAÇÕES DA MULHER NEGRA CONTEMPORÂNEA EM UM BLOG

A mulher negra ao longo da história da nossa sociedade passou e ainda passa por um maciço processo de invisibilidade, silenciamento e desigualdade nos mais diferentes espaços. Não nos vemos com frequência em capas de revista, muito menos em locais políticos, pois por mais que sejamos 25% da população brasileira, ainda sofremos com o racismo indiscriminado.

5.1 Pertencimento: *“a certeza da outra nos serve como colo”*

Nós mulheres negras, nos sentimos muito fortalecidas, as partilhas nos ajudam a dar um nome a essa dor toda que durante tanto tempo sentimos, a certeza da outra nos serve como colo. (Viviana Santiago, Blogueira Negra, excerto do Blog As blogueiras negras).

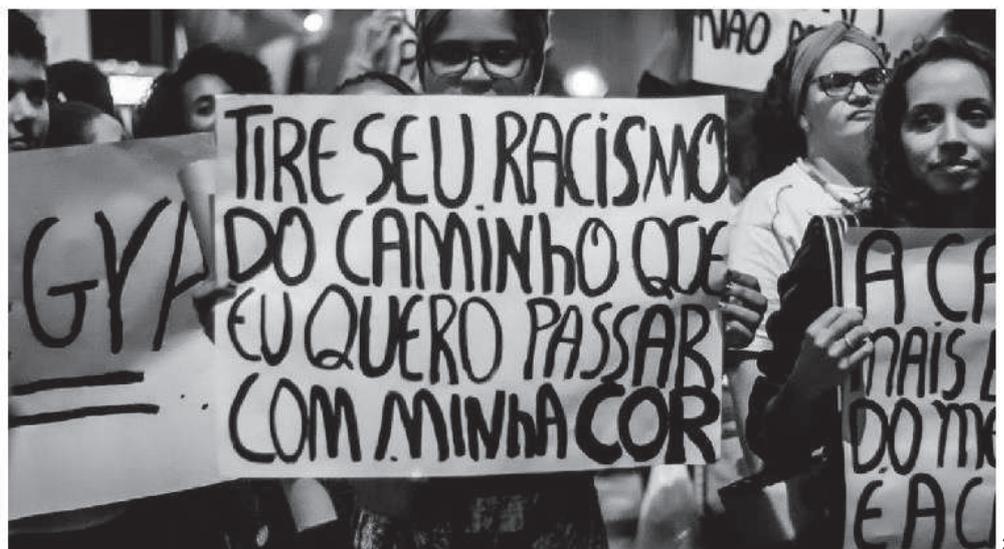


Figura 3 - Tire o seu racismo do caminho: Da (in)visibilidade a luta.

³ Imagem disponível em: < <http://blogueirasnegras.org> >

Ao atentarmos para a imagem acima, podemos compreender que os processos de invisibilidade e de racismo indiscriminado que as mulheres negras passam e vivenciam desde a sua infância até chegar à vida adulta, são processos massivos para a sua constituição identitária enquanto sujeito negro, como revela o excerto com narrativa de uma das blogueiras,

Confesso que, algumas vezes, me pergunto se eu quero seguir nessa luta. Se eu quero mesmo deixar meu cabelo natural, se eu quero sair na rua com um turbante maravilhoso, se eu quero me posicionar politicamente em relação a isso tudo, se eu quero continuar lendo relatos de mulheres como eu que sofrem a mesma coisa que eu. É aquela velha história quem procura acha! (Mayara Nicolau, Blogueira Negra, excerto do Blog As blogueiras negras).

No excerto acima a blogueira relata o quão difícil é desconstruir os estigmas do racismo enraizados na nossa história, como é custoso expor sua negritude sem que ela seja posta a prova. Contudo, quando essas mulheres compreendem que há uma “resistência política no corpo da mulher negra” (Viviana Santiago, Blogueira Negra, excerto do Blog As blogueiras negras), as relações através do blog se estreitam, fazendo com que aquele espaço virtual seja utilizado ou seja meio para a produção de subjetividades. Conforme explicita Michel Foucault (2014, p.36)

O sujeito define sua posição em relação ao preceito que respeita, estabelece para si um certo modo de ser que valerá como realização moral dele mesmo; e para tal, age sobre si mesmo, procura conhecer-se, controlar-se, põe a prova, aperfeiçoa-se, transforma-se.

Assim, entendemos que a transformação que ocorre com as mulheres negras, se dá por meio dos processos de objetivação e de subjetivação, conforme explica Oliveira (2015, p.19),

pela objetivação as verdades são instituídas, fazendo com que o indivíduo se dobre a elas, se curve, de modo a tornar-se objeto dessas verdades. É por meio da subjetivação, especificamente, das práticas de si, que o sujeito, munido de condições, mais ou menos práticas, mais ou menos conscientes, opera sobre si para destituir-se de tais verdades e constituir-se a partir de outras. Por isso, a constituição do sujeito é sujeição, mas também pode ser prática de liberdade.

As narrativas existentes no blog permitem-nos afirmar que o blog se revela como instrumento para a transformação que acontece de dentro pra fora e lhes “permite tornar-se algo diferente do que era ao início” (FOUCAULT, 1994b, p. 1). Os processos de objetivação e subjetivação podem ser potencializados por meio desse instrumento de escrita e representação da mulher negra brasileira, o blog As blogueiras negras.



Figura 4 – Desconstrução de si.

A imagem acima retirada do blog nos ajuda a ilustrar a ideia de transformação que ocorre de dentro para fora, pois inspirada na fala do filósofo Foucault, para permitir-se ser algo diferente do que se era antes, para realizar o movimento de mudança, é preciso desconstruir saberes ou verdades até então intituladas como verdades absolutas. Assim, desconstruir a si mesmo e se reinventar é um processo que implica conhecimento de si e do outro, e isso só pode se dar na relação com esse outro com o qual, por algum motivo, me identifico ou me deixo tocar/afetar.

Nesse sentido, quando as blogueiras escrevem sobre as suas vivências e tecem laços com as outras mulheres negras, o que ocorre é um sentimento de pertencimento e o fortalecimento de suas experiências, assim como descreve a blogueira Viviana Santiago, “Nós mulheres negras, nos sentimos muito fortalecidas,

³ Imagem disponível em: < <http://blogueirasnegras.org>>

as partilhas nos ajudam a dar um nome a essa dor toda que durante tanto tempo sentimos, a certeza da outra nos serve como colo [...].”



Figura 5 – Pertencimento: O colo que acolhe.

Na imagem acima, podemos intuir que o que a blogueira descreve como “colo” é a certeza de não estar só nesta caminhada, é o poder dividir os sentimentos, os anseios e as vitórias obtidas sozinha e em grupo, é o sentimento de pertença à história da outra que fortalece a sua própria história. É comprometimento, é rede de apoio, é sustentação.

Ao fortalecer esses laços as blogueiras negras tentam romper barreiras pré-estabelecidas dentro deste sistema desigual que por muito tempo as silenciou, reverberando uma onda de verdades que lhes permitem amplificar suas vozes, assim quando elas transitam dentro destas verdades “o discurso verdadeiro não é mais o discurso precioso e desejável [...]” (FOUCAULT, 2014, p.15), ou seja, elas deixam de habitar aquele lugar que lhes foi imposto durante a sua vida inteira e tomam as “rédeas” das suas histórias, ou melhor, ousam escrever outras histórias sobre si mesmas.

⁴ Imagem disponível em: < <http://blogueirasnegras.org> >

Outro aspecto importante do blog que vale ressaltar é a forma como as blogueiras pensam no coletivo feminino negro, pois quando escrevem se tornam mais fortes, quando se tornam mais fortes mais mulheres negras ganham espaço de fala e se empoderam das suas questões pessoais e coletivas, assim por empoderamento entendemos que

[...] não é apenas a construção de uma consciência crítica, pelo sujeito, de seu contexto natural, social, cultural e político de vida. Não se resume também a simples capacitação para atuar pela melhoria de padrões em diferentes âmbitos da vida; mas envolve aquisição de poder, isto é, “supõe o vivenciar um processo articulado que integre a construção de uma consciência crítica com a ação, ou o desenvolvimento de capacidade real de intervenção e transformação da realidade [...]”. (BAQUERO, 2012, p. 183).

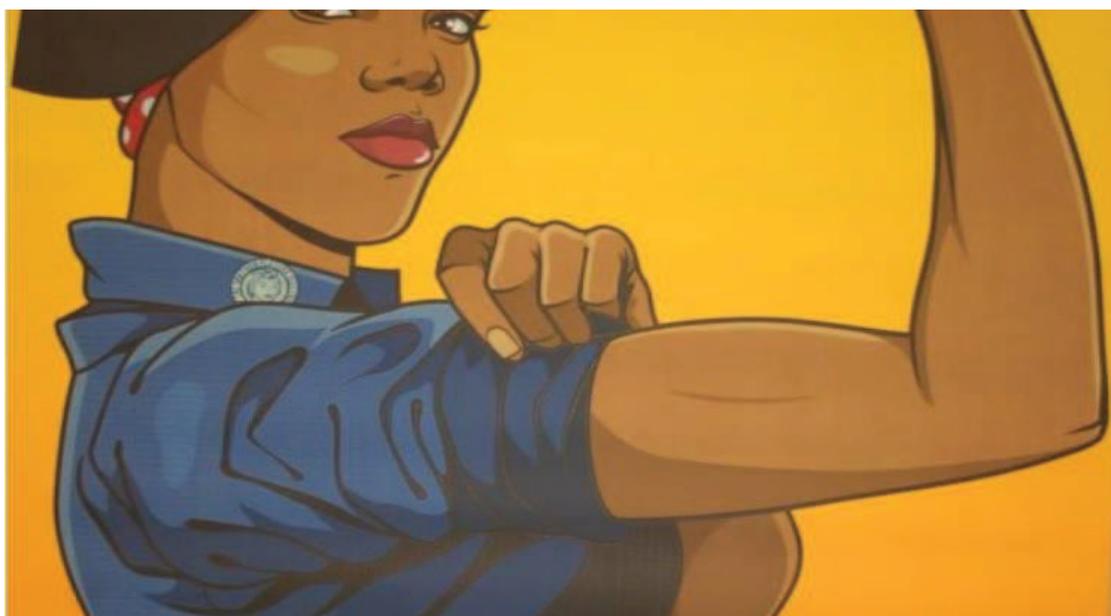


Figura 6 – Representatividade.

Nas análises realizadas foi possível identificar diferentes formas de representação da mulher negra contemporânea. Podemos observar na imagem acima, por exemplo, uma mulher negra com os músculos do braço direito em

⁵ Imagem disponível em: <<http://www.blogueirasnegras.org/2016/07/13/os-privilegiados-tem-cor-classe-genero-e-endereco-certo-as-mulheres-negras-pobres-tem-que-resistir-e-lutar-24h-por-dia-pois-nao->>

evidência, a força e a bravura está representada por uma “Pin-ups”⁶ negra, que não foge da batalha, sempre disposta a encarar de frente as adversidades presentes em sua trajetória.

Deste modo, é possível compreender o blog como resultado das histórias pessoais e sociais de cada autora/blogueira. Ao escrever sobre si no blog, buscando compreender a si mesma e a relacionar-se consigo e com as outras enquanto mulheres negras, as blogueiras colocam em operação processo de subjetivação. Rose (2011) nos explicita que

A subjetivação é, assim, o nome que se pode dar aos efeitos de composição e recomposição de forças, práticas e relações que se esforçam ou operam para transformar o ser humano em diversas formas de sujeito, que sejam capazes de se constituir em sujeitos de suas próprias práticas, bem como das práticas de outros sobre eles. (ROSE, 2011, p. 236-237).

A problematização de questões pertinentes à negritude cria novas formas de representação da mulher negra contemporânea que necessitam de visibilidade. A escrita de si no blog, por meio de narrativas de mulheres negras, possibilita a identificação dessas mulheres e a reafirmação de suas identidades. A partir de disso, novas representações acionam os processos de subjetivação, pois conforme Larrosa, “para se chegar a ser o que se é, há que combater o que já se é”. (LARROSA, 2002, p. 61).

⁶ *Ícone cultural nos Estados Unidos, representando as mulheres americanas que trabalharam nas fábricas durante a II Guerra Mundial muitas das quais produziam munições e material de guerra, a grande musa inspiradora que estampa os pôsteres nas campanhas feministas, nada tem a ver com a "causa feminista" moderna. A verdadeira história da famosa ilustração do pôster "**We cant do it**", teve início quando a força do trabalho feminino foi requisitada nos Estados Unidos para suprir a necessidade do mercado, nas indústrias, no comércio, transporte e nos demais seguimentos da economia, pois os homens que compunham a grande maioria da força de trabalho estavam lutando na guerra. Disponível em: <<http://www.soulretro.com.br/2015/03/rosie-reviter.html>>*



Figura 7 – A liberdade de ser quem se é.

Por fim, antes de passar para a próxima seção, mas já com o intuito de introduzir o seu tema, apresento a imagem de cinco mulheres negras que vestem roupa também negra e sensual, que tem no olhar muitas cores, sorriso no rosto e cabelos considerados afro. A imagem que parece dizer sobre beleza negra, sobre orgulho, ao mesmo tempo reforça a ideia de pertencimento, de grupo, de identificação, que é reafirmada no excerto da blogueira negra Rebeca Nascimento, “a força nasceu, a partir do momento que reconheci a minha identidade”.

5.2 Identificação: A potência da visibilidade

“A mulher negra que eu sonhava ser...”.

⁷ Imagem disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/>>

(Blogueira negra, Viviana Santiago).

“(...) a força nasceu a partir do momento que reconheci a minha identidade”.

(Blogueira negra, Rebeca Nascimento).

Início esta seção com dois excertos retirados de publicações do blog analisado. Ambos os excertos nos remetem a questão da constituição identitária da mulher negra e da necessidade de identificação. Contudo antes de problematizar a questão da identificação, se faz necessário esclarecer como estou entendendo, nesse estudo, o conceito de identidade. Conforme Tomaz Tadeu da Silva (2014, p. 74),

[...] parece ser fácil definir “identidade”. A identidade é simplesmente aquilo que se é: “sou brasileiro”, “sou negro”, “sou heterossexual”, “sou jovem”, “sou homem”. A identidade assim concebida parece ser uma positividade (“aquilo que sou”), uma característica independente, “um fato” autônomo. Nessa perspectiva, a identidade só tem referência a si própria: ela é autocontida e autossuficiente.

Contudo, o processo de construção identitária de um indivíduo não é algo simples, muito pelo contrário, pois a identidade é construída de modo relacional, a partir de experiências vividas e adquiridas ao longo da vida, ou seja, “a identidade é relacional” (Woodward, 2014). Assim, ao adentrarmos nas tramas da constituição identitária dos sujeitos, é preciso que entendamos que “tratar de identidade é aprisionar algo que nos escapa a todo momento, é procurar definir uma estrutura que está constantemente em mutação e permeada pelas relações de poder.” (WESCHENFELDER, 2015, p.23), isto é, em outras palavras, a identidade é uma constante construção e desconstrução, pois estamos em constante transição daquilo que somos e o que deixamos de ser.

Por conseguinte, ao analisarmos as falas do blog As Blogueiras negras, pode-se perceber que o ato de se reconhecer e se identificar enquanto criança, adolescente e mulher negra, não é uma caminhada fácil, pois há a necessidade de

desconstruir preconceitos enraizados em nossa cultura. O excerto a seguir mostra como as questões identitárias são latentes na vida de uma mulher negra,

Oh, como foi difícil chegar até aqui. Quando pequena, jurava de pés juntos para as pessoas que eu não era negra, e como prova mostrava as palmas das mãos dizendo- lhes “Veja, estou ficando branca.” Era doloroso ser chamada de “neguinha”, quando na verdade, queria que me chamassem de Branca de Neve, o que seria uma grande e completa ironia. Sempre foi assim, um dramalhão negro ao redor da realeza branca [...]. (Priscila Argolo, Blogueira Negra, excerto do Blog As blogueiras negras).

Neste ponto, podemos observar a luta que se trava desde a infância contra o racismo naturalizado e enraizado, que estigmatiza e deslegitima a nossa história, “quando pensamos que o negro carrega as marcas da escravidão, precisamos lembrar que isso esta embutindo às cicatrizes de todas as políticas criadas para não ascensão econômica do nosso povo [...]” (Stephanie Ribeiro Blogueira Negra, Excerto do Blog As Blogueiras Negras), que não nos permite ver representados nos mais diversos campos culturais e políticos. Conforme Viviane Weschenfelder (2015, p. 24),

[...] pensar na complexidade que essas posições se colocam em relação às verdades que nos constituem. No decorrer da sua vida, o negro vai se constituindo como sujeito a partir das posições que lhes são apresentadas, pois as possibilidades de assumir outros espaços não comuns para este indivíduo acabam sendo pequenas.

Visto que, antes que consigam se identificar e auto declarar a sua negritude, as mulheres negras perpassam por um longo processo de in/exclusão, pois “este surge para mostrar que, embora muitos estejam incluídos nas estatísticas e em alguns espaços físicos, boa parcela dos indivíduos ainda sofre com as práticas de inclusão excludentes [...]” (LOPES e FABRIS, 2013, p.74).

Ainda pensando na carga negativa, vivida e experienciada durante toda a vida, remeto-me ao excerto que inicia esta seção, todos os sonhos constituídos e idealizados da mulher negra ao longo da sua jornada muitas vezes lhes são negados, pois

“[...] representações históricas das mulheres negras, somadas as representações contemporâneas (como memes, retratações negativas e estereotipadas na mídia e na cultura) fazem com que meninas negras, sejam prejudicadas não só na sua vida escolar, mas também ao tentar construir seu futuro profissional e pessoal” (Barbara Paes, Blogueira Negra, excerto do Blog As blogueiras negras).

Entretanto, lutando contra todo o contexto ao qual foi e ainda está inserida a negritude e a identidade da mulher negra, é que ela se reverbera contra o sistema e luta por significações e representação, assim “importa-nos pensar nas experiências vivenciadas pelos sujeitos que assumem uma identidade e tornam-se algo diferente do que eram antes, produzindo subjetividades.” (FABRIS e WESCHENFELDER, 2015, p.6).

A construção ou reconstrução identitária da mulher negra, acontece a partir do momento que ela se fortalece, se empodera, como sujeito da sua própria história, de modo que todos os dissabores vividos tornam-se alavanca para a mudança, conforme podemos perceber no excerto abaixo,

Após um período de muita culpa e choro por ter produzido o racismo tanto no meu corpo, quanto na minha autoconfiança, repensei a conduta de toda uma vida e conclui que deveria ter muita compaixão por mim mesma, que merecia acolher-me de forma carinhosa e amorosa em meu próprio colo, pois estava perdida até então. O conhecimento da história do meu povo me salvou e libertou dos grilhões de concepções racistas, pesquisei textos acadêmicos, livros, sites, blogs e tudo que me pudesse empoderar de conhecimento. Em pouco tempo, tomei a decisão de jamais mudar a textura dos meus cabelos ou de qualquer traço do meu corpo que me caracterizasse como mulher negra. [...] (Sueria Dantas Blogueira Negra, excerto do Blog As blogueiras negras).

Ao compreender o seu contexto histórico, reconhecer as dores do seu corpo e da sua alma, a mulher negra inicia a sua luta pessoal e coletiva por representação e espaços de fala, assim, o blog se torna um local de resistência da negritude de modo que, a escrita converte-se em regime de verdade. Segundo Meyer (2013, p.11-12)

[...] os regimes de verdade não são unívocos, não são fixos e nem internamente homogêneos. São campos de disputa e de exercício de poder, para além de campos de produção de saber e de legitimação de verdades. É nos regimes de verdade que se constitui o que é dizível e, portanto, também pensável e compartilhável, em cada época, em cada lugar. É muito interessante a gente se dar conta, também, que usualmente mobilizamos determinados conhecimentos para perguntar e explorar o que eles nos permitem conhecer.

Para tanto, “a escrita sempre esteve, de alguma forma, associada ao poder” (BAQUERO, 2012, p.175), o uso dela tem se tornado ferramenta para que as blogueiras possam partilhar sentimentos, pensamentos e vivências como um influente dispositivo de subjetivação, nesse sentido o blog é também espaço para o exercício de escrita de si, mas também de produção do outro, pois busca conduzir a conduta das mulheres negras frente à determinadas situações.



8

Figura 8 – A mulher negra (re)nasce.

Aqui, nesta imagem podemos perceber que depois, de tudo que já foi mencionado acima e como a blogueira Priscila Argolo menciona o excerto que inicia esta seção a mulher negra (re)nasce e se empodera da sua existência e negritude, enaltecendo a sua beleza bem como o seu direito de ser quem é, pois a partir do momento que “é apenas através do outro que uma consciência – um eu – pode vir a ser.” (SÍLVIO GALLO, 2008, p.3).

⁸ Imagem disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/>>

5.3 Empoderamento: “Queremos celebrar quem somos!”

E foi assim que (re)nasceu uma pérola negra.

(Blogueira, Priscila Argolo).

Por que precisamos celebrar quem somos? Essa é a pergunta que todas as mulheres negras em processo de auto aceitação ou se (re)descobrimo negra se faz em alguma parte da sua jornada, pois quando entendemos as tramas da constituição identitária e os processos de objetivação e subjetivação que constituem a mulher negra contemporânea, muitas perguntas surgem ao longo desse caminho. Para tanto, recorro a Bauman (2001, p.107) quando escreve que

[...] volatilidade e a instabilidade intrínsecas em todas ou quase todas as identidades, é a capacidade de “ir às compras” no supermercado das identidades, o grau de liberdade genuína ou supostamente genuína de selecionar a própria identidade e mantê-la enquanto desejado, que se torna o verdadeiro caminho para a realização das fantasias de identidade.

Mas então nos perguntamos, “Ora, mas o que tem a ver celebrar quem somos com ir às compras no supermercado das identidades?”, e eu ousou dizer que tem tudo a ver, pois quando nos distanciamos do que éramos para nos transformar no que, ou em quem queremos ser, nos tornamos livres para (re)construir nossa identidade negra, ou seja, “o sonho das meninas negras traz consigo a ideia da vivencia autônoma, realização, reconhecimento, empoderamento econômico, dignidade e liberdade.” (Ligyane Tavares, Blogueira Negra, Excerto do Blog As Blogueiras Negras).

Assim, compreender que a “transformação [outra] se torna, ao mesmo tempo, muito urgente, muito difícil e, ainda assim, possível” (FOUCAULT 1994, p. 180), é ponto de partida para os processos de transformação que estão envolvidos nas diferentes histórias e experiências narradas no blog analisado.

Emergiu do exercício analítico a discussão sobre de que forma a mulher negra é representada para além dos estigmas do racismo que ainda estão enraizados em nossas histórias.

Esse exercício demanda olhar atento para as subjetividades ali presentes, pois elas são constituídas de historicidade individual e coletiva. Arriscamos dizer que, a partir das enunciações encontradas no blog, as mulheres negras que a ele procuram ou que nele escrevem, encontram nesse artefato, um elo que une a todas seja pela sua constituição negra ou pela forma que o blog vira munição para o empoderamento social individual e coletivo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estamos falando aqui do trabalho do pesquisador como aquele que transforma, em primeiro lugar, a si mesmo: aquele que, como o filósofo, é chamado a ultrapassar não só o senso comum, ordinário ou acadêmico, mas a ultrapassar a si mesmo, a seu próprio pensamento. Fica, então, para aquele que propõe uma determinada investigação, por simples que seja, o convite ao trabalho de pensar sua própria história [...]. E isso não se resolve com rapidez e a sedução de nossas breves palavras sobre um belo conjunto de conceitos que aprendemos a repetir. Um trabalho esforçado nos aguarda, no sentido de cotidianamente buscarmos outras formas de perguntar. (FISCHER, 2002, p. 59-60).

Inicio estas considerações refletindo sobre o caminho trilhado até aqui, sobre as incertezas e os anseios que me permearam durante essa escrita, pois o ato de pensar e questionar para além do que se sabe é extremamente instigante.

Importa dizer que quando iniciei essa pesquisa, em momento algum cogitei encontrar histórias tão próximas da minha e ao mesmo tempo tão distantes, assim assumir uma postura hipercrítica é “uma permanente reflexão” (VEIGA-NETO, 2003).

A proposta inicial para essa investigação era realizar uma análise sobre a representação cultural da mulher negra contemporânea a partir dos artigos do blog As blogueiras negras. Não obstante, após realizar as primeiras leituras foi necessário delimitar o período da análise, selecionando alguns artigos daquele período, em razão de que o tempo hábil para a escrita de uma monografia é relativamente curto para tamanha quantidade de material. Ao compilar e analisar os artigos muitas falas se assemelhavam quando o assunto era a deturpação da imagem e da identidade da mulher negra que, segundo Neumann (2006, p.7), “são construções imagéticas e discursivas homogeneizadoras que implicam a construção do imaginário da identidade étnica e cultural de determinado grupo”. Assim, é possível afirmar que as escritoras do blog produzem materiais que quebram com

determinados tabus, produzindo novas representações, bem como reafirmam sua negritude.

Assim o blog e as suas escritoras tem como missão legitimar a escrita e a produção de artigos voltados para e escritos pela negritude, constituindo para a mulher negra contemporânea novas formas de representação. Cabe aqui reforçar que em nenhum momento das análises busquei realizar uma análise de “juízo”, de “valor”, para dizer se essas representações eram boas ou ruins em relação a representações anteriores. O que interessou foi identificar as representações da mulher negra contemporânea por meio do blog tomando essa ferramenta tecnológica como um espaço potente de circulação dessas representações.

Para tanto, ao adentrar nas tramas da representação e da identidade negra foi identificado um processo de objetivação e subjetivação que opera entre os sujeitos de modo que “[...] a objetivação faz o rosto, e a subjetivação o desfaz, pois é preciso desfazer o rosto para fazer outro, o que torna esses processos interdependentes.” (OLIVEIRA, 2015, p.8).

É por meio desses processos interdependentes que as mulheres negras exercitam a recusa de determinadas representações e reconstróem suas identidades. É por meio desse exercício de resistência aos regimes de silenciamento e de invisibilidade aos quais foram submetidas que ocorre a possibilidade de constituir novas representações para grupos identitários visando seu empoderamento.

Foi possível identificar no blog investimentos para a construção de representações das mulheres negras, tais como de mulher forte, comprometida, politizada, acadêmica, independente, inteligente, fashionista, crítica, bonita e que assumem a sua negritude nos seus traços corporais e estéticos sem estabelecer padrões para tal. Como podemos perceber nas imagens inseridas no corpo desta monografia, a mulher negra tem (re)nascido para as formas de representação.

Em outras palavras, o blog se torna um elo entre muitas mulheres negras que vivenciaram os mesmos processos, de modo que quando escrevem e produzem

narrativas dos mais distintos lugares de fala e de vida, promovem o sentimento de pertencimento, criando formas de representação muito potentes para a produção de subjetividades.

Esse sentimento de pertencimento faz com que as mulheres negras consigam lutar e debater de forma contínua sobre o racismo, machismo, sexismo, sobre a violência e sobre as violações de seus direitos, empoderando-se a partir de sua própria história.

Assim, problematizar as formas de representação da mulher negra contemporânea é uma possibilidade de compreendermos as formas de empoderamento desse grupo identitário. Visualizar sua determinação, comprometimento com a causa e com o coletivo feminino negro se mostrou possível por meio do blog analisado. Reforço meus argumentos em Weschenfelder (2015, p.14) quando defende que é importante

[...] problematizar o discurso da negritude da forma como tem sido produzida pelas Blogueiras Negras, é justamente porque acredito nas possibilidades de uma educação das relações étnico-raciais que possibilite conviver com o outro na sua diferença. Diferença essa que não necessariamente seja celebrada em forma de discurso da diversidade, da tolerância, da integração ou inclusão, nem do outro como deficitário, menor ou como origem de todos os males, mas que produza um espaço de negritude em que a diferença não seja um empecilho, mas uma potência para que possamos nos encaminhar para novas possibilidades.

Por fim, acredito que esta monografia é apenas um pequeno recorte possível de um estudo ainda maior a ser realizado, pois compreender as diferentes formas de existência da negritude é uma possibilidade potente para não negar a história de um povo e legitimar as suas vivências. Penso que uma próxima escrita seja necessária para que se possa continuar a investigar e desconstruir com verdades tidas como absolutas. Fica em aberto essa possibilidade e explícito esse desejo.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **História: A arte de inventar o passado**. Bauru, SP: Edusc, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAQUERO, Rute V. A. **Empoderamento: instrumento de emancipação social?** – uma discussão conceitual. *Revista Debates*, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p.173-187, jan.-abr. 2012.

BLOGUEIRAS NEGRAS. **Informação para fazer a cabeça**. Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/>. Acesso em: 06 Jun. 2017.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France. Tradução de Laura F. de A. Sampaio. São Paulo: Loyola, 2014.

_____. **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2010b.

_____. **Verdade, poder e si**. Michel Foucault (Entrevista). Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. In: FOUCAULT, Michel. **Dits et écrits IV**. Paris: Gallimard, 1994b, p. 777-783.

GALLO, S. Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença. In: **Congresso internacional cotidiano: diálogos sobre diálogos**, 2., 2008, Niterói. Anais... Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2008.

GADEA, Carlos A. **Negritude e pós-africanidade**: crítica das relações raciais contemporâneas. Porto Alegre: Sulina, 2013.

GOMES, Nilma Lino. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo**: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? *Revista Brasileira de Educação*, n. 21, p. 40-51, set./dez. 2002.

GUTIERREZ, Suzana. **O Fenômeno dos Weblogs: as Possibilidades Trazidas por uma Tecnologia de Publicação na Internet**. Informática na Educação: teoria & prática. Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 87-100, jan-jun, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. 12. Ed. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2014.

LAROSSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan./ abr. 2002.

LOPES, Maura Corcini. FABRIS, Elí Henn. **Inclusão & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MEYER, Dagmar. **Postura investigativa no ensino superior**. Conferência proferida em julho de 2013 na Capacitação para Professores e Tutores 2013/2: Postura Investigativa no Ensino Superior na Unisinos. São Leopoldo: 2013.

MONTARDO, Sandra Portella; PASSERINO, Liliana Maria. **Estudo dos blogs a partir da netnografia: possibilidades e limitações**. In: Revista Novas Tecnologias em Educação, POA: CINTED-UFRGS, v.4, n.2, dezembro de 2006.

NÓVOA, Antonio. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Educa. 1992.

OLIVEIRA, Sandra de. **Sou PIBID!** : tornar-se professor/a: matriz de experiência e processos de subjetivação na iniciação à docência. 254 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2015.

ROSE, Nikolas. **Inventando nossos selves**: Psicologia, poder e subjetividade. Petrópolis: Vozes, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: HALL, Stuart. WOODWARD, Kathryn, SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Equívocos ou o (falso) problema da relação entre teoria e prática, na formação docente**. Texto apresentado e discutido na ULBRA, 2003.

WESCHENFELDER, Viviane Inês. **Processo de (in)visibilidade do sujeito negro**: o jornal de Venâncio Aires/RS em questão. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2015.

_____. **O discurso da negritude presente nos textos das blogueiras negras**: uma análise de inspiração genealógica. In: XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015, Florianópolis. Anais Eletrônicos do XXVIII Simpósio Nacional de História. Florianópolis: ANPUH, 2015. v. U. p. 1-16.

_____. FABRIS, Eli Henn. **Blogueiras negras: “sou mulher!” “sou preta!”**: Formas de subjetivação da mulher negra contemporânea. In: 6º Seminário Brasileiro / 3º Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação,, 2015, Canoas/RS. Anais eletrônicos Bianual, 2015. Canoas/RS: ULBRA, 2015. p. 1-13

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica conceitual. In: HALL, Stuart. WOODWARD, Kathryn, SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014